

3. Revitalização do patrimônio cultural e experiência educativa através do cineclubismo

3. Revitalization of cultural heritage and educational experience through film clubs

Recebido em: 19 de março

Aprovado em: 25 de maio

Juliana Perez de Aragão Silva

Graduação em Eventos na Faculdade de Tecnologia de Jundiá (Centro Paula Souza). Integrante do Núcleo de Estudos de Tecnologia e Sociedade (NETS). *Email:* julianapas@gmail.com.

Diego Fernandes Braz

Graduação em Eventos na Faculdade de Tecnologia de Jundiá (Centro Paula Souza). Integrante do Núcleo de Estudos de Tecnologia e Sociedade (NETS). *Email:* braz.diego@hotmail.com.

Sueli Soares dos Santos Batista

Professora orientadora da pesquisa. Graduação em História (USP) e Filosofia (Unicamp). Mestrado e Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento (USP). Pós-doutoranda em História e Filosofia da Educação (Unicamp). Integrante do Núcleo de Estudos de Tecnologia e Sociedade (NETS). *Email:* prof.sueli@fatecjd.edu.br.

Resumo

A partir da leitura do texto “A era do cinema”, de Arnold Hauser e das

visitas ao antigo cinema de Francisco Morato, surgiu o tema que resultou nesta pesquisa que tem como problema central as relações atuais estabelecidas com o patrimônio cultural em decorrência das mediações entre tecnologia e cultura e a importância de analisar a produção cinematográfica neste contexto. Devido à ausência de espaços públicos para a divulgação e preservação do patrimônio cultural produzido pelo cinema, optou-se por estudar a ação dos cineclubes para analisar em que medida exercem uma função social de valorização da cultura na relação com a tecnologia e sua eficiência aliada à construção de um processo educativo potencializador da percepção dos espectadores valorizando elementos históricos, sociais, da memória e de incentivo à prática cultural local e alternativa. Por meio de pesquisa bibliográfica e de campo a respeito das práticas cineclubistas em Itatiba e Jundiaí e das relações estabelecidas entre tecnologia, educação, cultura, e sociedade verificou-se a nítida atuação dos cineclubes enquanto prática social e ação fomentadora da experiência educativa, resgatando diferentes linguagens e possibilidades como instrumento de expressão e oportunidade de resistência e produção cultural.

Palavras chave

Educação. Tecnologia e Cultura. Cineclubes. Cineclubismo. Resistência Cultural. Teoria Crítica.

Abstract

Out of the reading of Arnold Hauser's "The age of cinema" and visits to Francisco Morato's old movie theaters, the subject of this research came out, which has as main issue the current relations established with cultural heritage as a result of mediation between technology and culture and the importance of analyzing cinematographic production on this context. Due to the lack of public spaces for cinema-related cultural heritage promotion and preservation, studying Cinema Clubs' function was chosen in order to analyze to what extent a social role is played by them on culture's valorization in the relation with technology and incentive to local and alternative cultural practices. Through bibliographic research on the relations between culture, technology and society and field research on Cinema Clubs in the cities of Jundiaí and Itatiba, their clear role as social practice and fostering means of educational experience was verified, rescuing different languages and possibilities as means of expression and as a chance of resistance and cultural production.

Keywords

Education, Technology and Culture, Cinema Club, Film Societies, Cultural Resistance. Critical Theory

Introdução

A temática do cineclubismo como prática social de revitalização do patrimônio e produção cultural desenvolveu-se, inicialmente, através de estudos sobre a história do cinema (BENJAMIN, 1976, HAUSER, 2003) e a visitas, realizadas pelos pesquisadores, ao antigo cinema de Francisco Morato, na região metropolitana de São Paulo. Neste local, as evidências de má conservação, degradação e desfuncionalização do espaço, até antes destinado a projeções de filmes, incitaram questões pertinentes à conservação do mesmo. Atualmente, este espaço é mantido por um estabelecimento comercial com o objetivo de propiciar, à comunidade local, cursos, oficinas, palestras e eventos que agreguem valor cultural ou educacional em todas as suas manifestações, com a participação de entidades sociais, como a Pró-Morato e grupos artísticos da cidade, envolvendo também outras comunidades circunvizinhas. A Pró-Morato é uma instituição social sediada em Francisco Morato, fundada em 1998, com o intuito de contribuir com o desenvolvimento do município, através da participação de seus moradores em ações sociais, culturais, educacionais e artísticas (PRÓ-MORATO, 2010).

As visitas ao antigo cinema de Francisco Morato resultaram em questionamentos referentes à cultura e ao patrimônio material e seus meios de uso que, neste caso, descaracterizam o espaço anteriormente destinado a projeções cinematográficas. Deste modo, optou-se por ampliar a pesquisa e fundamentá-la com o embasamento em outras publicações e visitas periódicas a espaços destinados a atividades similares.

Descobriu-se a existência de grupos que desenvolvem atividades para revitalização do cinema enquanto espaço educativo e de produção cultural. Através do contato com o *Cineclube Consciência* em Jundiá e com o *Cineclube José Cesarini*, em Itatiba, verificou-se que a ação do cineclubismo é fundamental para resgatar o patrimônio cultural construído pelo cinema, valorizando linguagens cinematográficas consideradas ultrapassadas. Também oportunizam uma reflexão sobre as atuais formas de percepção, contribuindo com uma educação estética, além

de dinamizar e democratizar a produção e difusão cultural.

“Por que é difícil conhecer e valorizar o patrimônio material e imaterial na atualidade?” e “Que papel exerce a tecnologia para a promoção e, ao mesmo tempo, esquecimento e degradação do patrimônio cultural?” foram questões norteadoras da pesquisa, considerando a existência e efetividade da prática cineclubista como possibilidade de educação estética, resistência e produção cultural local frente ao processo de massificação.

Este artigo refere-se, portanto, a um objetivo amplo de compreender as relações entre tecnologia, cultura, educação e sociedade, analisando a importância da produção cinematográfica e o acesso a ela nas comunidades e contextos alternativos. Devido à ausência de espaços públicos para a divulgação e preservação do patrimônio cultural produzido pelo cinema, optou-se por estudar a ação dos cineclubes para analisar em que medida exercem uma função social de valorização da cultura na relação com a tecnologia e de incentivo a práticas culturais locais e alternativas.

A pesquisa procurou verificar a representatividade do cineclubismo dentro do contexto de desenvolvimento social, ampliando a percepção da linguagem cinematográfica como instrumento de expressão e oportunidade de reflexão sobre a realidade vivida.

Fundamentação teórica

O texto inicial para fundamentação da pesquisa, *A Era do Cinema* de Arnold Hauser (2003), relata os movimentos artísticos envolvidos no cinema a partir dos quais ele se configura como síntese. O autor historiciza as técnicas utilizadas nas produções cinematográficas, como os quesitos de imagem, som e luz, e também a relação entre a arte cênica e o cinema quanto à abordagem do tempo e do espaço.

A partir da leitura do texto de Hauser (2003), é possível analisar que toda produção cultural só pode ser compreendida a partir do estudo das circunstâncias históricas que a propiciaram. Não há propriamente uma evolução histórica na produção cultural, mas cada época e cada estilo e linguagens artísticas citam e reconstroem as tendências existentes em épocas anteriores. Assim é que o cinema não significa, em termos estéticos, uma radical ruptura com as formas de produção cultural precedentes.

Para Benjamin (1975), no texto *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*, a obra de arte traduz, na sua forma e no seu conteúdo, a mentalidade e as formas de existência e de resistência numa dada sociedade. Assim é que não se pode perguntar se o cinema é arte. O fato é que o cinema mudou radicalmente a própria concepção do que seria uma obra de arte num processo de transformação da percepção. Antes marcada pelo contemplar, devido aos avanços nos modos de produzir e consumir, a percepção converte-se em distração, em primazia do tato.

A tecnologia, segundo Benjamin (1985), facilitando a vida de múltiplas maneiras, também colaborou para o empobrecimento da experiência do indivíduo e da coletividade. Devido à vertiginosa mudança decorrente do avanço tecnológico, afirma Benjamin, trocamos o patrimônio cultural pela moeda miúda do atual (p.119). Isso quer dizer que a sociedade altamente tecnologizada é também a sociedade do esquecimento. Os receptores da cultura não se contentam mais em apenas olhar. É necessário sentir, ser atravessado corporalmente por estímulos repetidamente renovados que reescrevem, na sensibilidade, a experiência das grandes cidades: a experiência do choque que apenas prepara o indivíduo para novos choques. O advento do cinema foi fundamental neste contexto de produção e consumo culturais e uma nova relação com a arte se constituiu a partir dele. Reinventar esta ação revolucionária nem sempre se consegue ou se deseja conseguir quando se pensa na indústria cultural como reprodução da sociedade (HORKHEIMER; ADORNO, 1985).

Como reconhecer, neste sentido, o patrimônio histórico e cultural numa sociedade em que tudo envelhece rápido e torna-se obsoleto muito rapidamente? Nesta sociedade altamente informatizada, o filme torna-se um produto a mais nas prateleiras, esquecendo-se que o cinema tem uma história de construção de representações da realidade, dos indivíduos e mesmo das relações entre eles. Mesmo o atual entusiasmo frente ao cinema em 3D revela muito mais esquecimento e desconhecimento da história do cinema que propriamente uma inovação revolucionária.

Para os limites deste trabalho, portanto, a produção cinematográfica deve ser tratada como patrimônio histórico e cultural capaz de, através da ação cineclubista, revitalizar os espaços e as práticas sociais de produção e de resistência cultural.

Acompanhando também a indústria do cinema em seu início, Benjamin (1975) aborda a tecnologia da reprodução cinematográfica como uma forma de reproduzir, em grande escala, filmes para a massa. O texto aborda também a maneira como a tecnologia facilitou a reprodução da arte e o modo como o capitalismo aproveitou para aumentar a produção de forma lucrativa para “manter” a arte e torná-la um produto para a maioria. Ao contrário de Benjamin, Adorno (1996) diagnostica a articulação entre o crescimento industrial e as mídias que caracterizam a Indústria Cultural como reprodução da sociedade à medida que facilitam a massificação e o nivelamento dos indivíduos.

Através do livro “Vida Líquida”, de Bauman (2007), identificou-se que os diretores culturais controlam e direcionam os movimentos culturais a fim de homogeneizar a população, porém com a lógica hiperindustrial no meio cultural tem-se obtido mudanças com muita rapidez, e os controladores sociais e culturais precisam se adaptar aos novos estímulos socioculturais. Se há sempre que se reinventar as formas de reprodução cultural enquanto reprodução da sociedade. Isto significa considerar que é também possível mapear zonas livres, ou seja, tentativas de produção e resistência cultural. Essas zonas livres seriam espaços objetivos e subjetivos no cotidiano das cidades em que, segundo Veiga e Monteiro (2009), “indivíduos retomam a escolha ética sobre suas ações produzindo subjetividades estéticas que não estão previstas pelas estruturas do capitalismo hiperindustrial”. O estudo que ora mencionamos refere-se à cidade de Fortaleza, mas tem-se como hipótese que, numa cidade como São Paulo, um cineclubes tem a potencialidade de se converter numa “zona livre” ou “quase livre” em que experiências de percepção e produção de conhecimento possam ocorrer.

Os cineclubes nasceram nos anos 20 e são vinculados historicamente a uma concepção revolucionária e democrática da relação do público com a produção cinematográfica. Via de regra, perseguidos ou ignorados, os cineclubes persistem no cenário cultural abrindo e incentivando a criação de espaços culturais e educacionais transformadores.

Para Macedo (2010), a história do cineclubismo no Brasil e no mundo é marcada pela insatisfação e a conseqüente luta para estabelecer novos paradigmas de participação, livre expressão e intercâmbio cultural. Esta história se repete, agora com novos desafios e possibilidades conforme o autor ainda considera:

Hoje vivemos um momento muito particular na História, em que a tecnologia digital abre uma oportunidade única de democratização de meios de produção e distribuição do audiovisual. E a proposta cineclubista talvez seja a que melhor se enquadra a uma perspectiva de renovação democrática no campo do audiovisual

As leituras iniciais, abrangentes e fundamentadoras, descortinaram a necessidade de verificar na prática quais seriam as alternativas de produção e resistência cultural num contexto altamente tecnologizado e padronizado, em que o cinema foi, ao longo do tempo, perdendo sua função de ressignificação cultural, além de os espaços reservados à sua projeção se descaracterizarem como lugares de convivência e identificação dos indivíduos e das coletividades. Neste aspecto foram centrais as pesquisas realizadas com cineclubes existentes em Jundiá e Itatiba.

Porém, antes deste contato com os cineclubes, experiências iniciais de pesquisa empírica foram realizadas. Ressaltamos alguns relatos orais e um curso de vídeo documentário realizado por um dos autores deste trabalho.

Primeira etapa da pesquisa empírica: sensibilização para a temática

Em visita à Biblioteca Municipal houve a colaboração das funcionárias M.B.S., G.C. e C.M.S. com relatos saudosistas de suas experiências como espectadoras nos extintos cinemas Ipiranga e Marabá no centro de Jundiá. Citaram também a existência de outros cinemas já extintos na cidade, tais como: o *Cine Biju*, *Cine Vila Arens*, *Cine Argos*, *Cine Rio Branco*, *Cine Alvorada*, *Cine República*, entre os onze que já existiram. Ressaltaram e descreveram o cinema, com a referida “magia que se perdeu”, como um espaço reservado a lazer, confraternização entre amigos e ponto de encontros românticos. Entre os relatos, a senhora M.B.S., que há muito não vai ao cinema, demonstra este sentimento saudosista quando afirma que “o cinema acabou...”

Um dos pesquisadores participou da *Oficina de Produção de Vídeo Documentários - Introdução à linguagem Cinematográfica*, promovido pela Secretaria Municipal de Cultura e Oficina Cultural Regional Hilda Hilst, de maio a junho de 2010.

A oficina oferecida pela Secretaria Municipal de Cultura de Jundiá

teve duração de dois meses e foi destinada a todo o público interessado na linguagem e produção audiovisual.

Tendo em vista a produção documental como uma importante ferramenta de expressão artística, o curso, por meio de exposições orais e teóricas, apresentou conceitos e características para a produção de um vídeo, a fim de facilitar a compreensão sobre os conteúdos midiáticos, a evolução da linguagem audiovisual e despertar uma leitura crítica em relação aos trabalhos, possibilitando, evidentemente, a participação efetiva em todas as etapas de produção de um documentário.

A partir de discussões acerca dos espaços para projeção de produções independentes, unanimemente, evidenciou-se a carência de lugares destinados a esta finalidade. Por esta razão surgiu a proposta de documentar a história do cinema na cidade de Jundiáí, desde suas remotas salas de projeção viabilizadas por meio de instituições religiosas, passando por sua fase de decadência e abandono até a ocupação dos grandes centros comerciais, por empresas do ramo cinematográfico. Este Projeto foi inviabilizado por questões técnicas e de pessoal, não sendo totalmente concluído após o fechamento das coletas de informações, mas ainda assim propiciou e mobilizou grupos paralelos com o objetivo de incentivar a propagação e utilização de espaços públicos para abordagem de temas e projeção de filmes fora do circuito comercial. Na sequência, ocorreu a implementação das sessões de filmes no museu histórico, onde foram realizadas as aulas da oficina sobre curta-metragem.

Pesquisa empírica com os cineclubes das cidades de Itatiba e Jundiáí

Ao contrário da experiência inicial com a temática no município de Francisco Morato, encontrou-se em Jundiáí e Itatiba, cidades que distam entre si cerca de 20 quilômetros, uma ação cineclubista estruturada e reconhecida pela comunidade.

Inicialmente foi realizado um acompanhamento junto ao projeto de produção cultural do Cineclube Consciência de Jundiáí – SP, em parceria com o *Grupo Zama*. O projeto intitulado Rua Livre é realizado todo segundo domingo do mês, em que se promove um sarau composto por apresentação de bandas e artistas de Jundiáí e região. O objetivo deste evento é di-

fundir o acesso à cultura e gerar discussões por meio de debates. O Grupo Zama (2010), que tem cedido o espaço para o projeto Rua Livre, é o nome mais conhecido da ZUMBI ASSOCIAÇÃO DO MOVIMENTO AFRO BRASILEIRO, fundada em 1999, na cidade de Jundiá - SP.

Mais recentemente, no segundo semestre de 2010, o Cineclube Consciência, em parceria com a Secretaria de Cultura da cidade de Jundiá, iniciou o Projeto “O cinema está de volta ao centro da cidade”, trabalhando pela revitalização da Sala Glória Rocha, no centro histórico do município. Com projeções de filmes para crianças e adultos, o cineclube proporcionou o conhecimento de filmes “diferentes” de uma forma “diferente”, projetados em um lugar a ser valorizado e revitalizado pela comunidade que desconhece o seu passado.

O mesmo grupo que organiza este cineclube passou a organizar um projeto de ação cultural chamado *Rua Livre* que se iniciou em abril de 2010, junto ao grupo Zama de Jundiá. Neste primeiro experimento fizeram um sarau com artistas de outras cidades e algumas pessoas da região. Contaram com a participação de cerca de 19 pessoas.

Com a ideia de promover um movimento de resistência cultural na cidade de Jundiá para promover a cultura de forma livre para a população local e da região, os organizadores do Cineclube Consciência passaram a realizar o *Rua Livre* em todo 2º domingo do mês, para que assim pudessem agrupar artistas de diversos gêneros para compor o sarau deste evento. Em sua quinta edição contaram com cerca de 100 participantes.



Rua Livre

Fonte: Cineclube Consciência (2010)

Parceria entre o Cineclube Consciência e a Faculdade de Tecnologia de Jundiáí

Para a edição de setembro de 2011 do Rua Livre, convidaram a turma do curso de Tecnologia em Eventos da Faculdade de Tecnologia de Jundiáí (FATEC Jundiáí) para fazer uma análise do evento para juntos aprimorá-lo. Os alunos das disciplinas de Gestão de Marketing e Gestão do Patrimônio Cultural tiveram a tarefa de participar e sugerir aos responsáveis pelo Cineclube Consciência soluções inovadoras para seus eventos.

Relação cineclube e instituição de ensino

O Cineclube Consciência até o início de 2010 não possuía local fixo para realizar as sessões de cinema. A partir deste momento passou a ocupar o espaço da Fatec Jundiáí, praticando as sessões aos sábados, às 19h. A cada mês aborda com filmes um tema diferente. No mês de março de 2010 foi abordado “O cinema no cinema” que visava resgatar como o cinema conta a sua própria história. Estas sessões são sempre acompanhadas de um debate sobre o filme e sobre os temas suscitados por ele.



Imagens do Cineclube Consciência Fonte: Cineclube Consciência (2010)

Este cineclube procura fugir das produções que seguem o padrão midiático convencional. Os integrantes do cineclube utilizam de meios virtuais e projeções com equipamentos digitais para projetar filmes considerados alternativos e polêmicos, com o objetivo de gerar discussões e propagar a necessidade da reflexão para quem participa das sessões.

Conforme o acompanhamento e a aproximação do cineclube com a Faculdade, contou-se com a sua colaboração na seleção e projeção de curtas-metragens de conscientização e informação sobre Sustentabilidade e Gestão Ambiental, no maior evento que já houve na FATEC Jundiá, que ocorreu nos dias 29 e 31 de maio, 1º e 2 de junho de 2010. O evento intitulado SUSTENTEC visava relacionar a Tecnologia com a Sustentabilidade.

A atuação do *Cineclube Consciência* está inserida nas atividades pedagógicas dentro do núcleo de ensino da Faculdade, mas não abrange apenas um público especificamente, tão pouco predominantemente composto por alunos da instituição. Estes comparecem em número reduzido, o que evidencia, entre outros elementos, que há muito que se fazer para aliar educação formal e educação não formal de maneira produtiva e transformadora. Destaca-se aqui a importância, ainda negligenciada, da prática cineclubista diante de sua atuação colaboradora para a experiência educativa ao propiciar oportunidades de educação estética aliada a conteúdos éticos e políticos. Esta atuação num decorrente da sua sensibilização literária, histórica e político-social, propiciada dentro do ambiente universitário, tem uma função importante num ambiente, espaço que se destina a desenvolver o pensamento científico e a produção tecnológica através da pesquisa e de uma percepção crítica da sociedade.

A ciência é permear à pesquisa crítico-científica. Compreendemos que esta experiência apresenta, junto à proposta acadêmica, a elaboração de ações coletivas, consolidadas em práticas políticas e sociais a fim de promover espaços para discussões e exercícios de cidadania. Consideramos, então, que o cineclubismo fundamenta-se em um ambiente emancipatório da prática social, visto que a experiência ofertada em sua ação tem fundamentalmente como prática a educação estética, a pesquisa e o debate a fim de colaborar com a construção e formação intelectual dos indivíduos contribuindo para a constituição de processos sociais que resultam em experiências comprometidas com a formação num sentido amplo.

Além da aproximação com o *Cineclube Consciência*, tivemos oportunidade de realizar contatos com o *Cineclube José Cesarini*, de Itatiba, e contar com a colaboração de Alan Duarte com informações que não constavam no livro de Ana Lúcia Polessi (2009).

O cineclubismo como prática educacional em Itatiba

O cineclubismo em Itatiba - SP é liderado pelo artista popular e colecionador cinéfilo Alan Duarte que, há três décadas, reúne material para sua coleção e realiza sessões no Cineclubes José Cesarini. O Cineclubes ficou inativo por cinco anos, por causa de um incêndio em 1995, mas, em 2000, voltou a funcionar. Em novembro de 2009, o Cineclubes fechou as portas novamente para reforma do espaço.

Para realizar a reforma do cineclubes, Alan Duarte utilizou recursos próprios, ajuda de amigos, comerciantes locais e algumas autoridades, que tinham o interesse em contribuir com o patrimônio cultural da cidade.

No dia 30 de agosto de 2010 foi reinaugurado o cineclubes itatibense com muito entusiasmo. Houve divulgação nos jornais locais e coquetel para a imprensa e participantes que compareceram ao evento de reabertura do *Cineclubes José Cesarini*. A partir desta data, o cineclubes voltou a funcionar com a reprodução de filmes todas as quintas-feiras, às 19h e aos domingos, às 15h.

Alan Duarte é colecionador de películas, projetores e objetos que fazem parte da produção cinematográfica. Hoje possui cerca de 300 rolos de películas dos mais variados filmes nacionais e internacionais. O volume de objetos foi um dos motivos da última reforma, pois estes necessitavam de um espaço maior e mais adequado para a conservação.

Este colecionador apaixonado por cinema e produção cultural mantém as sessões do cineclubes com o mesmo estilo de projeção dos anos 60, com a pretensão de preservar a técnica e a memória do cinema de décadas passadas.

Em parceria com a Secretaria de Cultura de Itatiba, Alan Duarte regularmente vai a escolas e ONGs para expor alguns de seus projetores e passar de forma didática um pouco da história, da técnica e da estética do cinema. Nestas ocasiões, a seleção de curtas enfoca a história da cidade, revelando aos alunos um pouco de seu patrimônio cultural.

Discussão dos resultados

Desde o surgimento do cinema e seus remotos antecedentes até sua consolidação no mundo das artes, como evidencia o texto de Arlindo Machado (1997), “o cinema não pode ser reduzido apenas a má-

quinas de projeção.” Deve-se a isso o fato de consagrar-se com o nome de sétima arte e “não ser somente um sonho da humanidade, mas também uma série de velhas realidades empíricas e de velhas técnicas de representação que ele perpetua”, como cita o autor em seu texto *Como Nasceu o Cinema?*.

A partir das transformações decorridas do progresso tecnológico e da sociedade, emergem novos modelos de narrativas e produções cinematográficas, que eventualmente modificam-se no decorrer do tempo, principalmente pela constatação do cinema como uma arte autônoma e que passa a representar uma forma de expressão diferenciada, consolidando-o tal como o compreendemos atualmente.

Fazendo-se uma analogia ao tema abordado às etapas de um roteiro sintetizado de narrativa clássica do cinema, é possível obedecer a ordem pré-estabelecida situando-o dentro das etapas de produção constituídas por: problema, desenvolvimento e conclusão. O problema apresenta-se junto à ideia do princípio da industrialização da arte cinematográfica, intermediada pelas crescentes inovações tecnológicas definidas por Philip Morris Hauser (1976), em *Comunicação de Massa e Educação*, como condutoras políticas, econômicas e educacionais. Assim sendo, o cinema então é transformado a fim de tornar-se um produto de consumo desenvolvido pela Indústria Cultural, modificando, assim, não apenas a sua linguagem, mas também toda sua representatividade frente aos costumes da sociedade. Esta é a constatação inicial que se configurou como problema a ser deslindado.

Dá-se, então, início ao desenvolvimento em que foi possível, por meio de fatos evidenciados em publicações, relatos e visitas prosseguir a composição do roteiro – já com o constatado surgimento do “heróico” cineclubismo – partindo agora da proposta dos cineclubes como ferramenta de ação para resgate do que se dissolveu da inicial proposta cinematográfica. Relatos saudosistas protagonizados por espectadores do cinema, que tentam resgatar uma “era de ouro”, evidenciam que as transformações decorrentes não apenas das tecnologias, mas também da própria sociedade e da política acabaram por conduzir à chamada prática “anticinema”, tanto no aspecto da produção dos filmes quanto nas possibilidades de fruição. A partir das obras de Ismail Xavier (1995), podemos afirmar que este é o testemunho da falta de senso cinematográfico.

Partindo para a convenção do “the end” chega-se à conclusão de que diante das garantias que a Indústria Cinematográfica cria, objetivando assegurar sua rentabilidade, emergem os “mocinhos” críticos dos hábitos de consumo que dentro de suas concepções cineclubistas procuram despertar o amor pelo cinema, provocar o discurso dominante, formar novos espectadores, reconquistar os antigos e refletir sobre a percepção contemporânea da realidade. Traduz-se, então, partindo deste relato que o cineclubismo é um mecanismo de superação da efemeridade e um difusor da experiência profunda que a linguagem do cinema expressa. Frente às produções vistas como hegemônicas, o cineclubismo constitui-se ação de resistência ao controle intencional da predominante cultura industrializada.

Notam-se contrapontos entre os cineclubes estudados, de modo que o *Cineclube Consciência* busca estabelecer a resistência cultural, aproveitando-se dos novos recursos midiáticos para resgatar a história e a função do cinema a partir da seleção dos filmes e sua posterior discussão, e com o projeto *Rua Livre*, em que ir ao cineclube não é ser saudosista, mas é tentar aproveitar do passado as potencialidades emancipatórias e criar novos espaços de expressão e produção cultural. O projeto *Rua Livre* não é apenas uma ação a mais do Cineclube Consciência. Revela a natureza de sua concepção que é a de propor a liberdade na escolha e discussão dos filmes para que os espectadores percebam que é possível pensar e se divertir para além dos muros da padronização dominante. O Cineclube Consciência, coerente com sua proposta, estimula a produção e projeção de filmes alternativos, promovendo festivais de curta-metragens. Sua ação quanto à Fatec Jundiá vai além da utilização do auditório da Faculdade nos fins de semana. Mas tem mobilizado a comunidade acadêmica para ocupação deste espaço para o lazer e encontros informais, além de propiciar uma integração entre a formação nas disciplinas do curso de Eventos e a ação do cineclubismo como importante fator cultural. Evidencia-se uma ampliação da atuação do *Cineclube Consciência* a partir do seu novo projeto que é o de revitalização da Sala Glória Rocha. Associado à Secretaria de Cultura, a ação cineclubista em Jundiá dá passos importantes para desenvolver uma política pública de valorização do patrimônio cultural aliada à tarefa educativa.

O *Cineclube José Cesarini* resiste com a memória e técnica cinematográficas, a partir do uso tradicional de projeção dos filmes em películas. A história deste cineclube alia-se com a possibilidade de manifestações culturais alternativas e democráticas à medida que possibilita, a quem se interessar, o acesso à história do cinema, sem fazer apologia aos meios mais modernos. O contato com meios tecnológicos antigos e linguagens cinematográficas já em desuso é capaz de nos levar a pensar sobre a maneira como vivemos e nos expressamos. Por exemplo, quando assistimos a algum filme mudo em branco e preto, podemos nos questionar em que medida é a sofisticação dos meios e o aprimoramento técnico que faz uma forma de expressão ser ainda válida atualmente ou não.

É inegável que ambos os cineclubes são espaços educativos e de resistência cultural independentemente da forma como agem perante a sociedade, simplesmente pelo fato de procurarem mostrar algo diferente das formas massificadas de se produzir e se consumir um filme, de proporem algo diferente dos lugares comuns quanto à produção cinematográfica dominante, convidando os espectadores a refletirem sobre o conteúdo do filme e sobre a linguagem por ele utilizada. Desta forma, o filme e o espaço destinado a sua projeção deixam de ser apenas um lugar de passagem e de consumo imediato, para se converter em experiência repleta de significados, surgindo assim novas ideias e práticas sociais e culturais que potencializam os sujeitos, do ponto de vista ético e estético, como produtores de cultura e não apenas consumidores.

A concepção e elaboração desta pesquisa coincidiu com a retomada das atividades do cineclube em Itatiba e ampliação das atividades do cineclube em Jundiá. Esta não é, evidentemente, uma coincidência, mas revela a necessidade e a possibilidade dos indivíduos e coletividades se apropriarem dos espaços e oportunidades de formação e produção cultural, resistindo e reconfigurando o que lhes é oferecido como cultura enquanto bem a ser, não apenas consumido, mas construído e apropriado como experiência.

Referências

ADORNO, Theodor W. Conceito de Iluminismo. In: LOPARIC,

- Zlijko; LOPARIC, Andréa Maria Altino de Campos; MALAGODI, Edgard Afonso; CUNHA, Ronaldo Pereira; BARAÚNA, Luiz João e MAAR, Wolfgang Leo. (Traduções). *Os pensadores: textos escolhidos*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996. p. 17-62.
- BAUMAN, Zygmund. *Vida Líquida*. Tradução Medeiros, Carlos Alberto. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 2007.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: GRÜNNEWALD, José Lino. *Os pensadores: textos escolhidos*. 1ª edição. São Paulo: Tradução Abril S.A. Cultural e Industrial, 1975. p. 9-34.
- _____. Experiência e pobreza. Magia e Técnica, Arte e Política. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985. Vol I., p. 114-119.
- CINECLUBE CONSCIÊNCIA. Rua Livre. Disponível em: <<http://cineclubeconsciencia.blogspot.com>>. Acesso em: 15 ago. 2010
- GRUPO ZAMA. Objetivos. Disponível em <http://www.hploco.com/letra_g/grupozamajundiai/OBJETIVOS.html>. Acesso em: 20 jan. 2010
- HAUSER, Arnold. *A era do cinema*. História Social da arte. Tradução Cabral Álvaro. Martins Fontes. São Paulo. 2003.
- HAUSER, Philip Morris. *Estudo de urbanização*. São Paulo, Pioneira, 1976.
- HORKHEIMER, M. ADORNO, T.W. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1985.
- MACHADO, Arlindo. Os primórdios do Cinema 1895-1926. In: MACHADO, Arlindo. *Festival do minuto na Escola*. Agencia Observatório. 1997. p. 5-12.
- MACEDO, Felipe. *Cineclubismo no Brasil*. Disponível em <<http://www.cinema.ufscar.br/cineclubismo.html>> Acesso em 20 jan. 2010
- POLESSI, Ana Lúcia. *Trilha de Sonhos: aventuras e desventuras de um artista popular*. Itatiba, SP. Book Company Editorial, 2009.
- PRÓ-MORATO. *Transformando vidas*. Disponível em <<http://www.promorato.org.br/nossamissao.php>> Acesso em: 20 jan. 2010
- VEIGA, Luana Marchion; MONTEIRO, Ticiano Pereira. MAPEAMENTO DE ZONAS LIVRES – Ambientes invisíveis à sociedade de controle que abrigam produções de subjetividade estéticas na cidade de Fortaleza. *Anais eletrônicos do II Simpósio da ABCiber*. Disponível em <<http://www.cencib.org/simpósioabciber>> Acesso em 10 jan. 2009
- XAVIER, Ismail. *Sétima Arte: Um culto moderno*. São Paulo: Editora Perspectiva. 1995. p. 41-54.